

nara roesler

50

festa das falas

curadoria moacir dos anjos

primeira exposição do ciclo
de mostras em celebração
aos 50 anos de atuação de
nara roesler como galerista

nara roesler são paulo

abertura 31 de março

exposição mar – mai, 2026





Nara Roesler e José Cláudio
em Recife nos anos 1970

nara roesler

50

“De 1976 a 2026, de Recife a São Paulo, Rio de Janeiro, Nova York, Paris, Londres ou Hong Kong, Nara Roesler construiu uma cartografia simbólica marcada por transformar periferias em centro, resgatar artistas e revelar novos talentos.

Para comemorar sua trajetória, a galerista ativa seus espaços em São Paulo, Rio de Janeiro e Nova York com exposições coletivas temáticas, em diálogo com curadores convidados como Moacir dos Anjos, Agnaldo Farías, Magali Arriola, Vik Muniz, Ariel Jimenez e Bernardo Mosqueira.

As mostras abordam eixos centrais de sua trajetória: o diálogo com a arte brasileira além dos polos dominantes, o apoio a nomes históricos, o investimento na abstração, a abertura ao contemporâneo internacional e a ampliação da presença global da arte brasileira.”

—Luís Pérez Oramas

Naturalmente quando redigi estas notas ainda não havia sido inaugurada a **GATSBY ARTE**, nova galeria de Boa Viagem (Rua Faustino Porto, 42), o que aconteceu no dia 21 passado, às 21 horas. Nessa mostra inaugural, a **GATSBY ARTE** reuniu uma verdadeira seleção de artistas pernambucanos ou estreitamente vinculados a Pernambuco, pelo menos durante uma certa fase de suas carreiras, como é o caso de Adão Pinheiro. A julgar por essa coletiva inaugural, a **GATSBY** optará pelo critério artístico, em detrimento do predominantemente comercial, em sua programação futura. E esperemos que assim seja, pois além do fator lucro, que é importante, os marchands locais devem ter em vista, também, a valorização e promoção dos mais autênticos e expressivos artistas do nosso e de outros Estados brasileiros.

DIARIO DE PERNAMBUCO
RECIFE, TERÇA-FEIRA, OUTUBRO 19, 1976

A justiça é feita

* Para o "marchand" paulista Renato Magalhães Gouveia, trata-se de "uma das maiores justiças que tenho tido o prazer de fazer". Ele se refere à exposição "O Desenho em Pernambuco", que seu escritório de arte acaba de organizar, juntamente com a Gatsby Arte, para inaugurar galeria no Recife.

* A **SRA. NARA CASTRO E SILVA**, nos informando a inauguração da exposição "O desenho em Pernambuco", marcada para o dia 21 de outubro, às 21 horas, numa promoção da Gatsby Arte, em Boa Viagem Teremos desenhos de Vicente do Rego Barros, Heilo Feijó, Berty Lau, Nestor Silva, Lula Cardoso Ayres, Francisco Brennand, Aluisio Magalhães, Reynaldo Fonseca, Cuita Charifiek, Luciano Pinheiro, Abelardo da Hora, Adão Pinheiro e, o lançamento dos desenhos do jornalista Ivan Mauricio.

DIARIO DE PERNAMBUCO
RECIFE, DOMINGO, OUTUBRO 24, 1976

Comércio cultural

* A Gatsby Arte, inaugurada no Recife, "não descuidará nunca do aspecto cultural que deve ser básico para quem se dedica a esse tipo de comércio. "A definição é do "marchand" Renato Magalhães Gouveia ao explicar que sua representação "se dispõe a selecionar obras para oferecer ao público pelo seu justo valor". Há entretanto outros planos. Por exemplo: a promoção de série de palestras sobre temas atuais relacionados com o momento artístico nacional ou internacional. Além de exposições didáticas, a Gatsby Arte "prestará serviços de conservação e restauro

Exposição é adiada "sine-die"

A exposição de óleos do pintor José Cláudio, prevista para o dia 10. de abril, na galeria Gatsby Arte, foi adiada "sine die", por motivo do falecimento de pessoa da família da proprietária, Nara Roesler. Os convites já todos distribuídos orreu o imprevisto.

Na Gatsby

- Nesta noite, a Galeria Gatsby, que é dirigida pela dinâmica Nara Roesler Castro e Silva, estará realizando a primeira apresentação conjunta dos seus contratados exclusivos. Como se sabe, ela é a representante do Escritório de Arte Renato Magalhães Gouveia, de São Paulo.
- Há dois anos, ele resolveu implantar no Recife o sistema de contratação de artistas exclusivos, passando a cuidar de toda a sua promoção. Assim, José Cláudio foi lançado em São Paulo, onde já tem um ótimo mercado.
- Como diz na sua apresentação, Renato deseja, com essa coletiva exatamente julgar os critérios do seu Escritório de Arte.
- Participam da coletiva que abre esta noite na Gatsby, os pernambucanos José Barbosa, José Cláudio, Maria Carmem, os paulistas Noemia, Gruber, Lourenço, Marinha e Cláudio Tozzi, além do italiano Angelo Taccari e o japonês...

e nove quadros re- de José Cláudio es- A expostos na Gatsby. Ana Faustino Porto (Boa gem). Um catálogo a co- da mostra, com apresen- ção do ceramista e também- intor Francisco Brennand está sendo distribuído pe- galeria, que dentro de algu- dias divulgará a nova d- para a exposição.

Acompanhada do do- chand" Renato Mag- Gouveia e do pinto- Cláudio, a propriet- Gatsby, Nara Roesl- pareceu à redação- RIO para comuni- diamento, uma- praticamente in- comunicação por- outro meio aos

festa das falas moacir dos anjos

Datas e identificação de lugares funcionam como marcadores dos trânsitos feitos ao longo dos anos e através de territórios. Fornecem pistas para investigar, em retrospecto, por que caminhos as coisas se fizeram.

Nara Roesler completa meio século como galerista. Uma história iniciada na década de 1970, quando não era possível saber ao certo se o projeto iria vingar. E, menos ainda, que iria levá-la a vários cantos. Uma história que teve uma inflexão crucial quando, na década seguinte, estabelece sua galeria em São Paulo. E, bem depois, em mais outras cidades – uma perto, outra distante.

Passagem de tempo e de lugares que nunca apagou, porém, as marcas do começo. Ao contrário, as histórias da galeria e de sua fundadora (por vezes confundidas numa só) trazem, em cada movimento, rastros de seu ponto de partida geográfico e afetivo: o Recife. Não somente a cidade, mas, a partir dela, o extenso território que, ao longo do século passado, foi inventado – nas obras de tantos artistas – como o Nordeste do Brasil.

Rastros que não são expressos somente nas formas, cores ou temas dos trabalhos feitos por artistas naturais da região ou nela residentes. Nenhum repertório empregado em criações artísticas revela, afinal, tudo o que há de particular na sua feitura. O que de fato conta para firmar diferenças são as maneiras singulares com que um mesmo repertório simbólico – disponível a qualquer um – é flexionado para explicar ou criar mundos vividos. São os modos específicos com que se fala uma língua que anunciam os lugares de onde se

vem e como esses são entendidos. Os sotaques guardam histórias únicas. E foram os sotaques artísticos enunciados no Nordeste (em especial, no Recife), que fundaram e deram voz própria à galeria Nara Roesler. Outros sotaques viriam depois, ampliando o ruído bom do que é mistura.

Esta exposição – primeira de uma série que celebra a trajetória de Nara Roesler – reúne obras de artistas de lugares diversos do Nordeste. Alguns já chamavam a atenção da então jovem galerista desde o início de seu percurso; outros, chegaram com o passar dos anos. Alguns partiram mais cedo do que era devido; outros, sequer eram nascidos quando tudo começou. São tentativas (conscientes ou não) de capturar, em suportes variados, os modos como paisagens, ofícios, matérias, crenças, ideias e corpos afetam quem habita esse pedaço do Brasil. Tentativas (figuradas ou abstratas) sempre incompletas ou provisórias, assim como sempre o são os atos de representação. No conjunto, são obras que afirmam (embora não esgotem) a vitalidade criativa de artistas que compartilham um mesmo lugar simbólico; vizinhança que não os impede, contudo, de tecer modos particulares de expressar pertencimento.

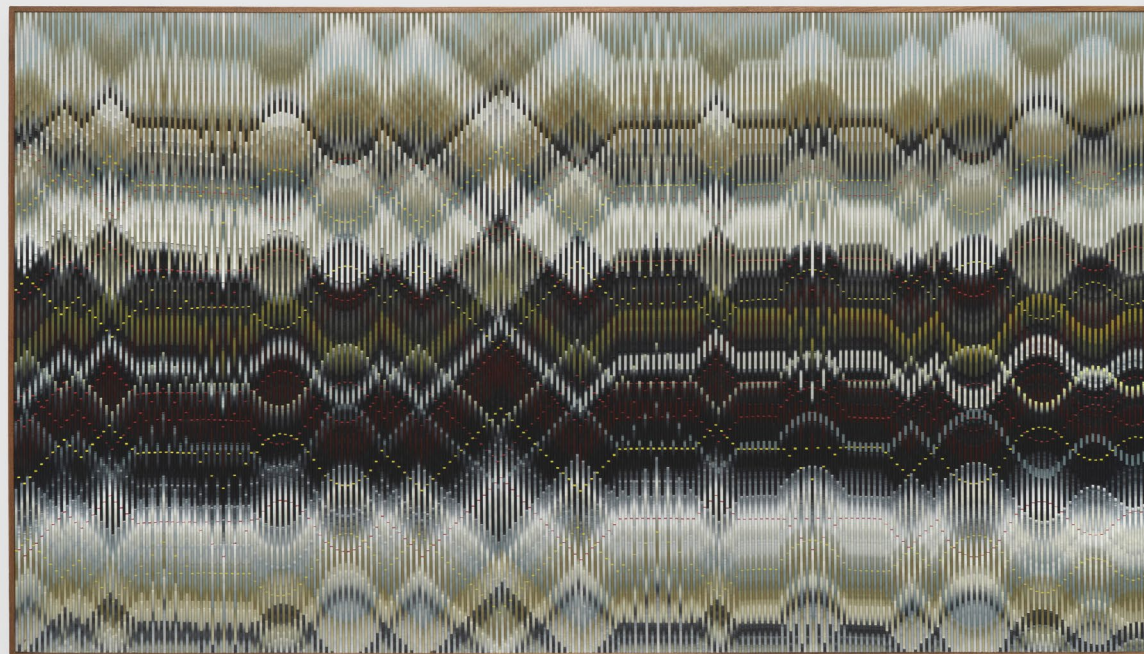
Como galerista, há 50 anos Nara Roesler contribui para que vontades de falar de jeitos próprios sejam escutadas. Ampara o que faz no entendimento de que os sotaques dela e dos artistas com quem trabalha – talvez estranhos a alguns ouvidos – são método de ação. Que a festa das falas continue, portanto, o seu curso.

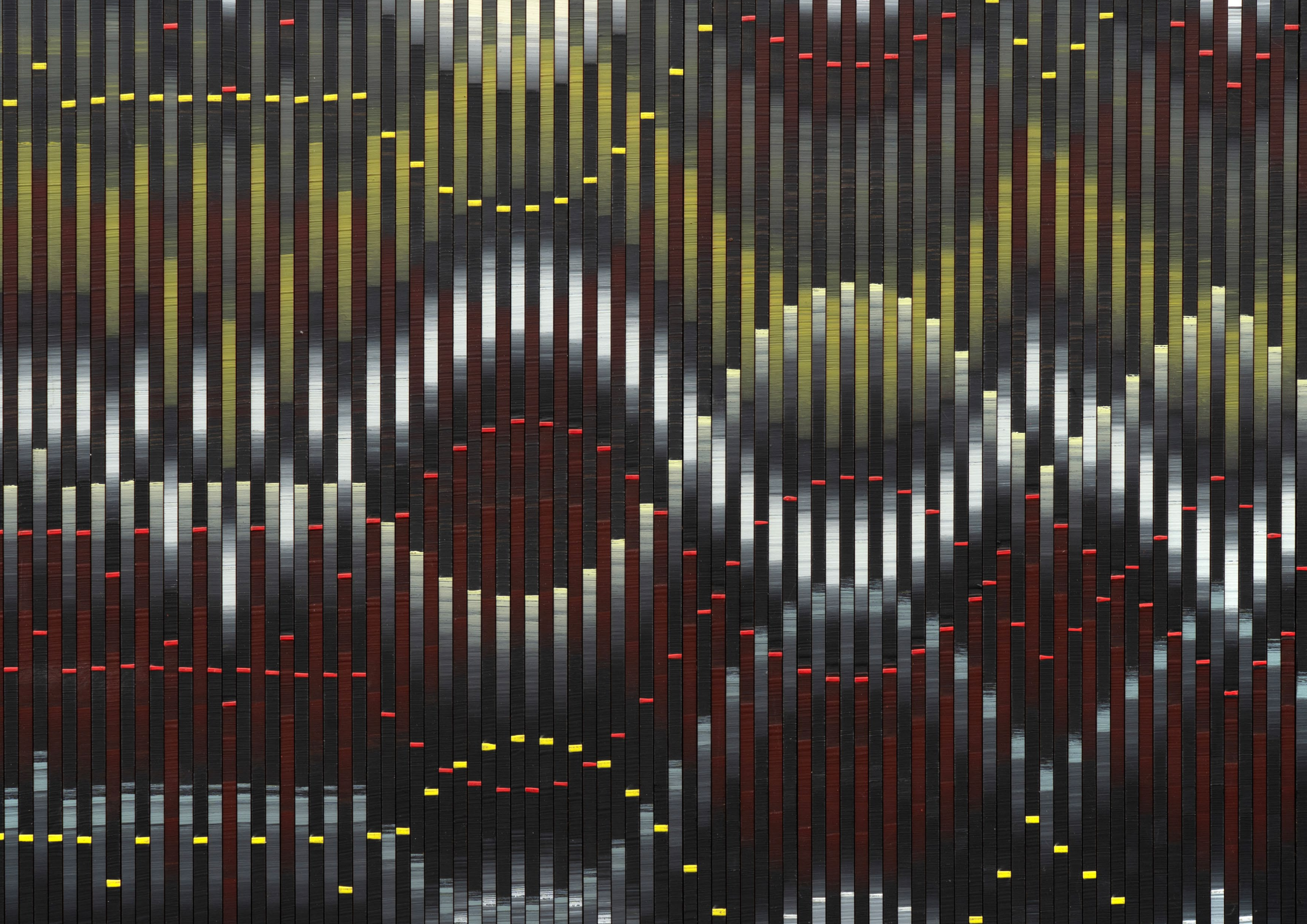
—**Moacir dos Anjos**



Nara Roesler e Abraham Palatnik
Rio de Janeiro

Abraham Palatnik
W-HH/3, 2019
tinta acrílica sobre madeira
116 x 207,5 cm





Abraham Palatnik
Sem título, 1963
técnica mista sobre madeira
70,5 x 43,5 cm





a. palatnik
53

Alberto Pitta
*Ogum Aladá Méji: o dono de dois
facões (série Ogum que São Sete), 2023*
pintura e serigrafia sobre tela
350 x 303 cm



Alberto Pitta
Ogunjá (série *Ogum
que São Sete*), 2023
pintura e serigrafia
sobre tela
335 x 302 cm







Antonio Dias
Saru (Saru-San) (Díptico), 1997
tinta óleo sobre tela
80 x 150 cm



emanoel arújo

“A primeira obra de arte da minha coleção. Uma linda xilogravura de Emanoel Araújo: comprei durante uma viagem muito especial a Salvador.”

— Nara Roesler

Emanoel Araujo
Sem título, 1990
escultura em
madeira pintada
163 x 163 x 20 cm





francisco brennand

“Inesquecíveis passeios até a Várzea para me alumbrar com as esculturas de Francisco e conversar com o artista. Cada vez que recebia a visita de um estrangeiro era para lá que eu o levava”.

— Nara Roesler



Francisco Brennand
Sem título, 1976
painel de cerâmica
195 x 780 x 4 cm





gilvan samico

“A minha mãe comprava todos os anos a gravura que ele produzia. Ele era lento e detalhista. José Cláudio costumava dizer que Samico usaria um esquadro para cavar um fossa.”

— Nara Roesler

Gilvan Samico
O encontro, 1978
xilogravura
edição de 100
85 x 60 cm





Gilvan Samico
A fonte, 1990
xilogravura
edição de 120
90 x 53 cm





guita charifker

“Que quintal inesquecível em Olinda! Conversar com a Guita, assistindo-a plasmar nas aquarelas os cajueiros nas tardes de verão. Uma vez, emprestei o sítio em Campos. Quando retornei, ela havia feito para mim uma coleção de pedras em forma de coração, que coletou no ribeirão. E fez a aquarela de um trecho do jardim.”

— Nara Roesler

Guita Charifker
Cajus, 2010
aquarela sobre papel
55 x 76 cm





Jonathas de Andrade
Rolerio Alisson e a vela vermelha
(série *Jangadeiros alagoanos*), 2025
tinta e impressão de
serigrafia sobre tecido
ed. única
125 x 115 x 5 cm (bastidor) |
dimensões variáveis (vela)



Jonathas de Andrade
*Jangadeiro Wander e a vela queimada
de sol* (série *Jangadeiros alagoanos*), 2025
tinta e impressão de
serigrafia sobre tecido
ed. única
125 x 115 x 5 cm (bastidor) |
dimensões variáveis (vela)



Jonathas de Andrade

Roleiro Alcides e a vela amarelo Brasil

(série *Jangadeiros alagoanos*), 2025

tinta e impressão de serigrafia sobre tecido

ed. única

115 x 125 x 5 cm (bastidor) | dimensões variáveis (vela)



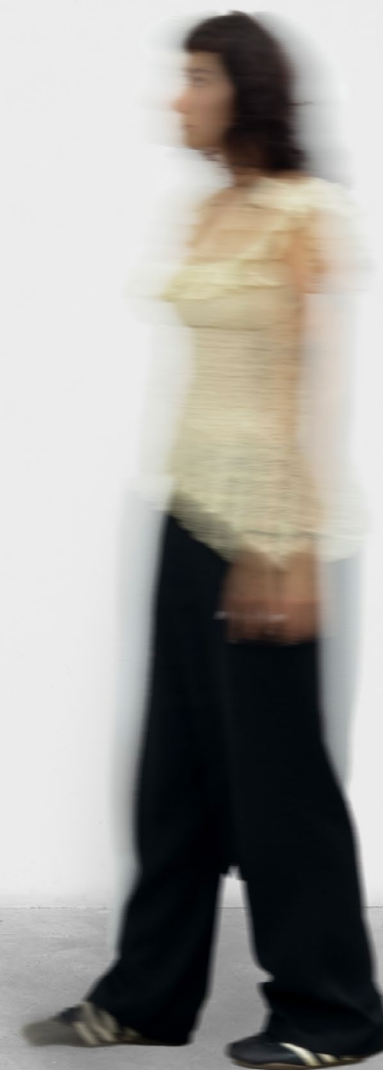


josé barbosa

“Um grande entalhador, desenhista e pintor. Fez uma talha de um flamboyant que havia passado entre as grades de minha galeria. Um símbolo de ousadia e coragem, naquelas cicatrizes que ficaram tatuadas na carne da árvore.”

— Nara Roesler

José Barbosa
Porta dourada, 2024-2025
entalhe em madeira (amarelo
vinhático, cedro, peroba, carvalho –
chêne francês antigo, cumaru, imbuia
e angelim-pedra) e aplicações variadas.
204 x 93 x 5 cm



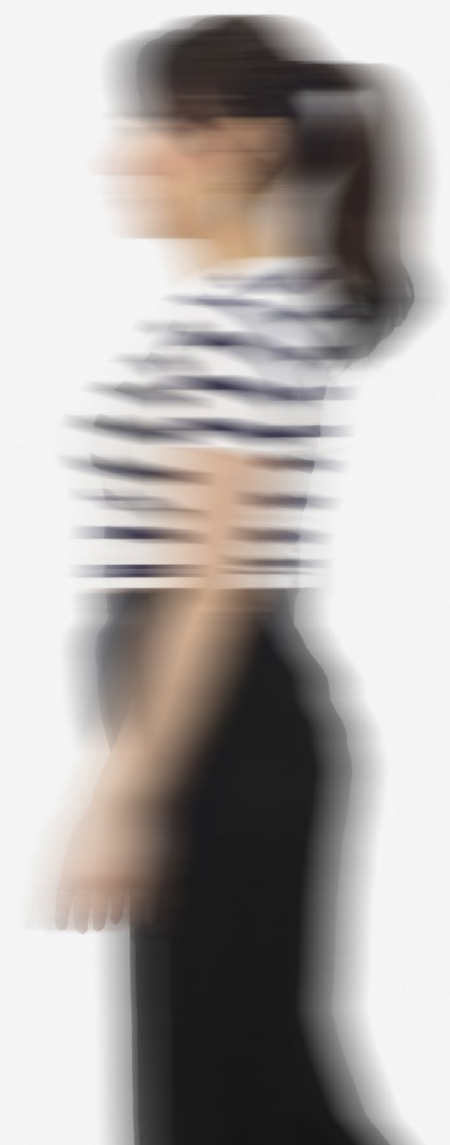


~ VIVA A VIDA ~

josé cláudio da silva

“José Cláudio: quem
me fez ser galerista.”
— Nara Roesler

José Cláudio da Silva
Sem título, 1990
tinta óleo sobre eucatex
100 x 100 cm



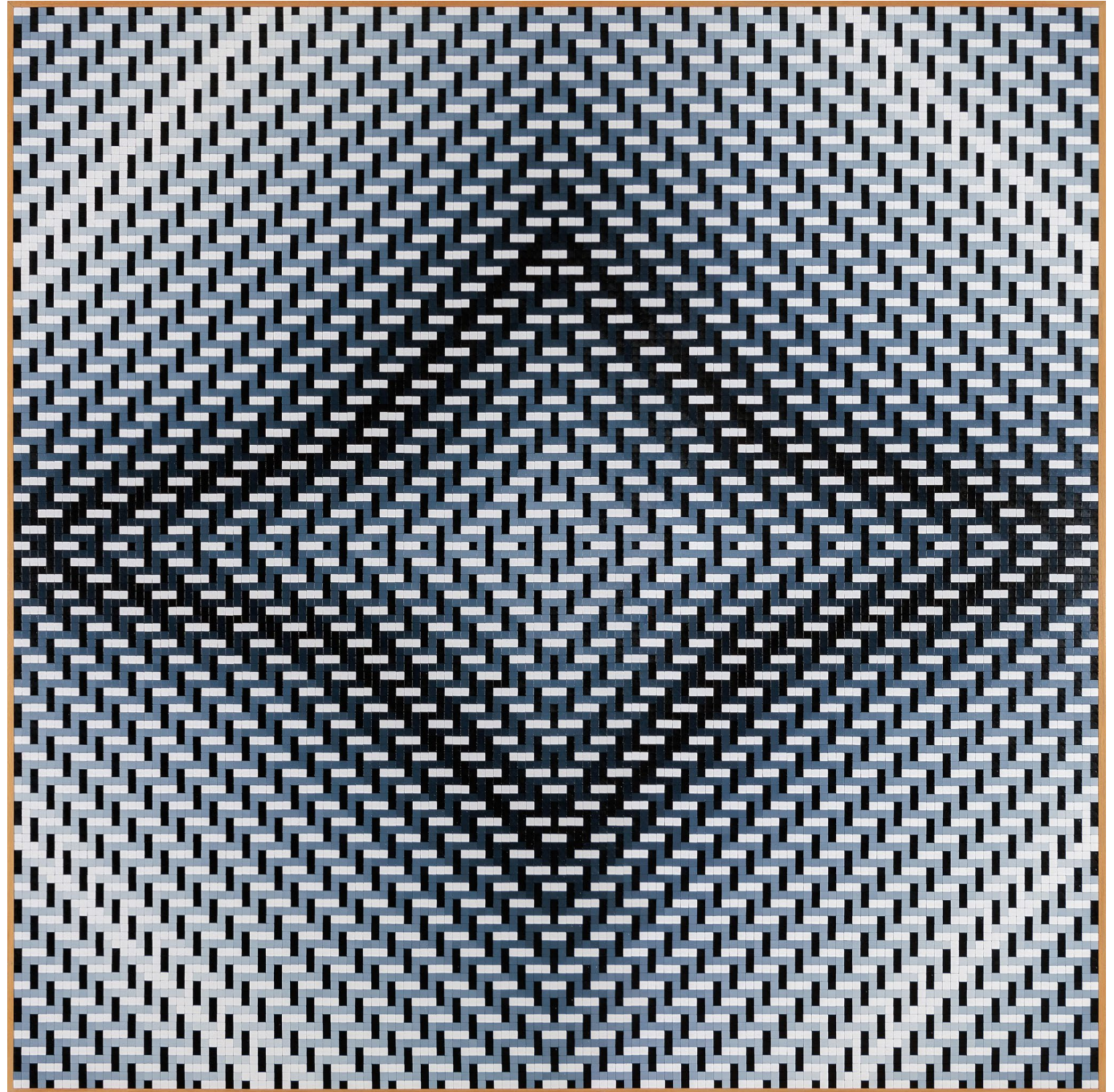


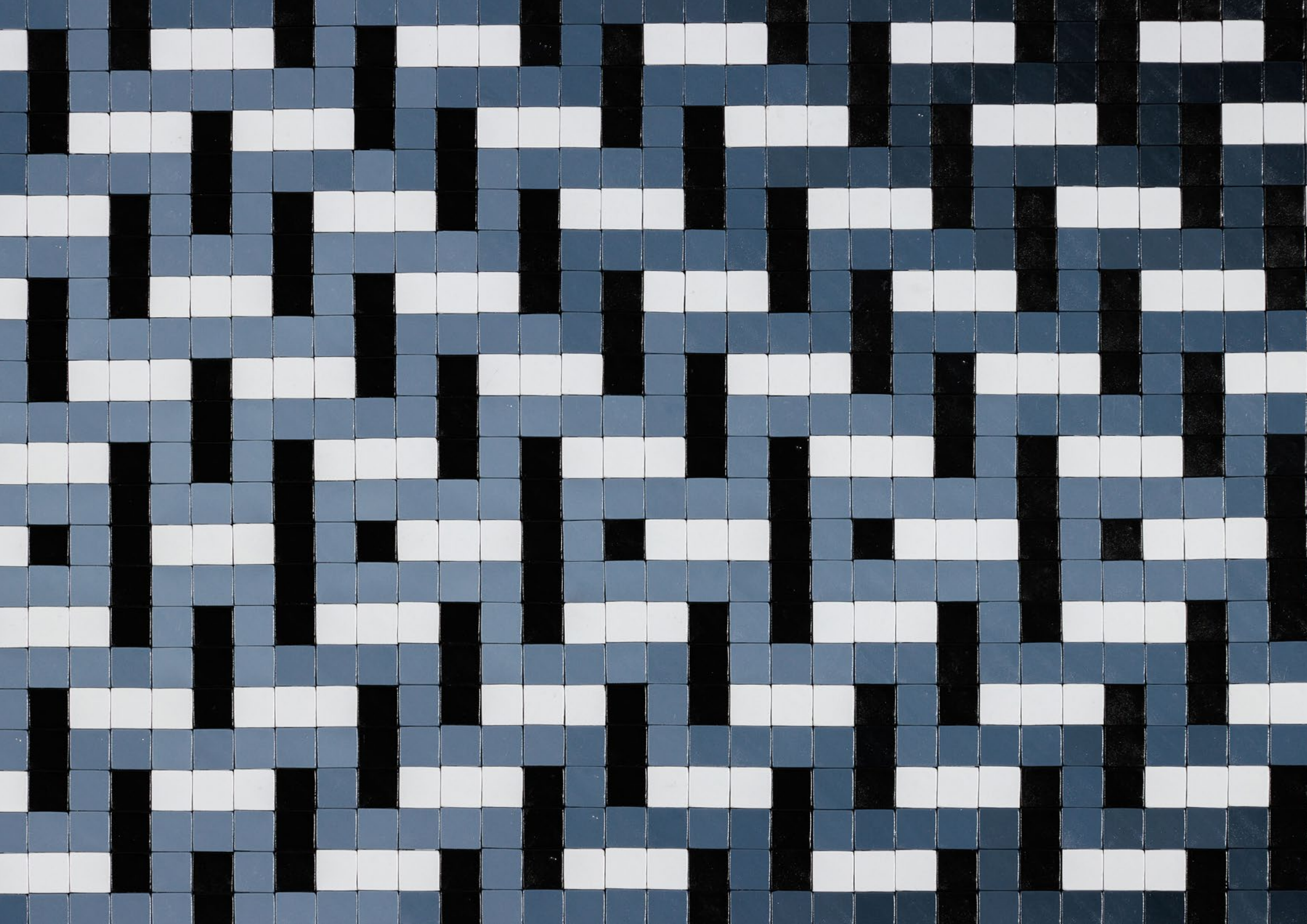


José Cláudio da Silva
Sem título, 1975
tinta óleo sobre eucatex
61 x 79 cm



José Patrício
Mandala tonal III, 2023
peças de quebra-cabeças
de plástico sobre madeira
unique
189,5 x 190 cm





Marcelo Silveira
Cobogasil, 2022/2024
compensado de imbuia,
pó de cajacatinga, cola
e pinos metálicos
225 x 350 x 50 cm





Marcelo Silveira
Semente IV, 2024
madeira cajacatinga
85 x 40 x 30 cm



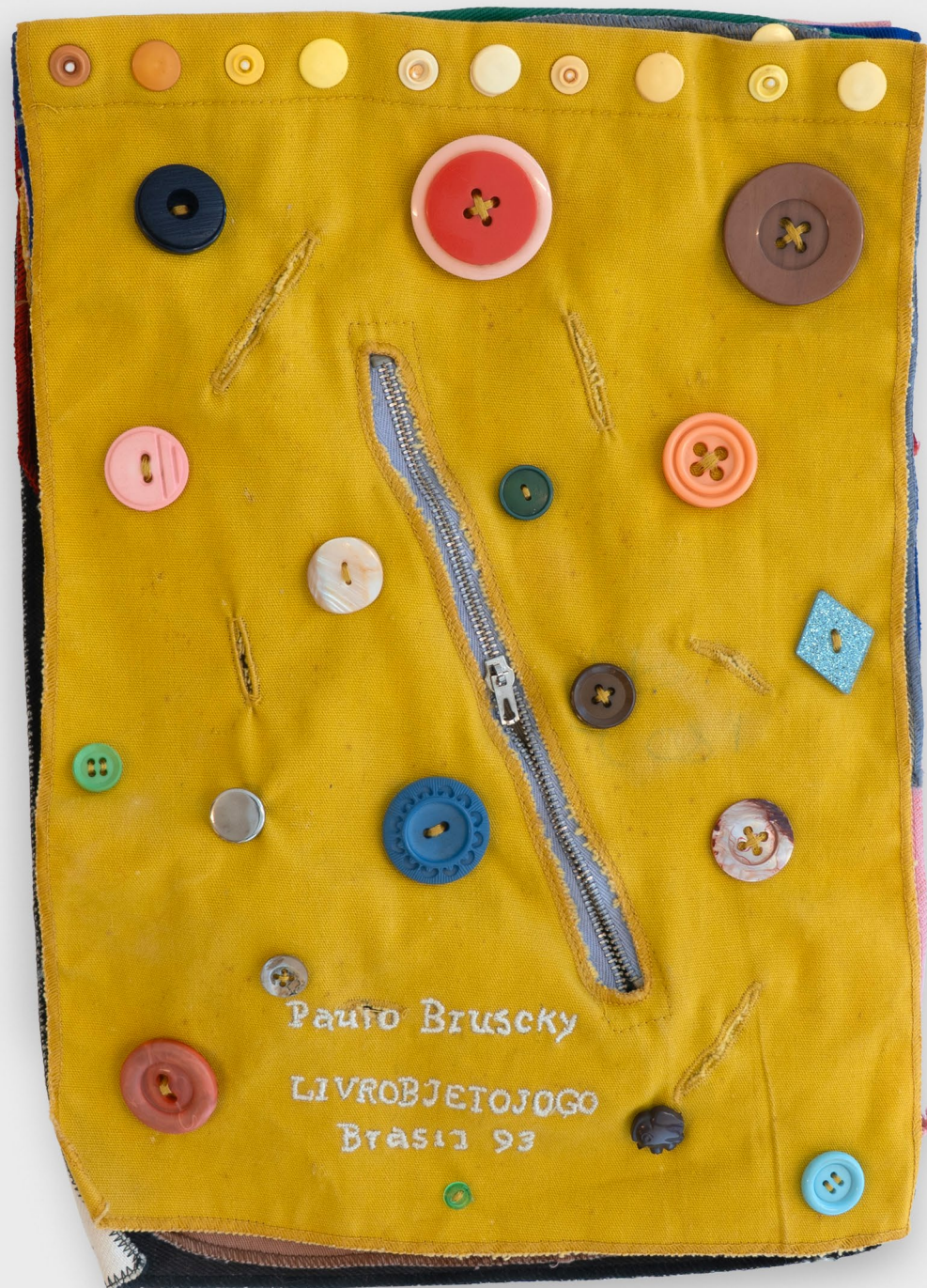


Marcelo Silveira
Dupla X, 2022
madeira cajacatinga
e couro
153 x 110 x 135 cm





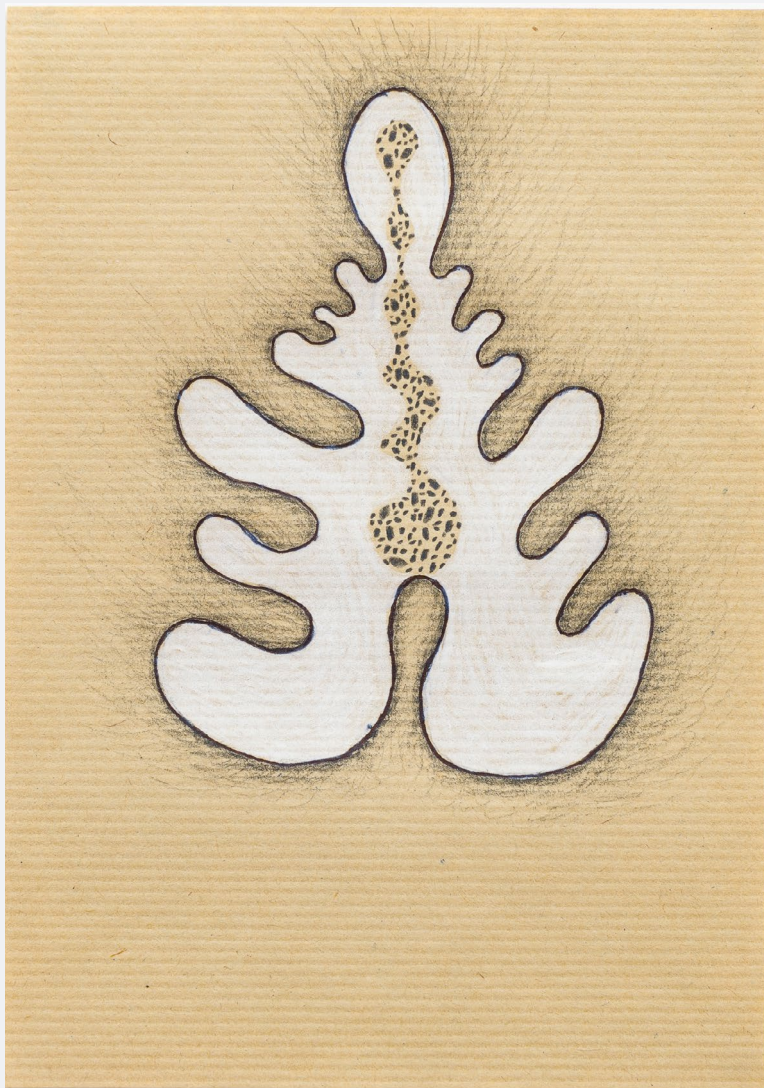
Paulo Bruscky
Livrobjetojogo, 1993
tecido e botões
35 x 24,5 x 4,5 cm



Paulo Bruscky

LIVROBJETOJOGO

Brasilia 93



Thiago Barbalho
Preto e branco (Interior XIII), 2024
lápiz de cor, marcador permanente
e caneta esferográfica sobre papel
21 x 15 cm



Thiago Barbalho
Caverna na chuva (Interior X), 2024
lápiz de cor, marcador permanente
e caneta esferográfica sobre papel
21 x 15 cm



Thiago Barbalho
Made in China (Interior VII), 2024
lápiz de cor, marcador permanente
e caneta esferográfica sobre papel
21 x 15 cm





abraham palatnik

n. 1928, Natal, Brasil

m. 2020, Rio de Janeiro, Brasil

Abraham Palatnik é figura central da arte cinética e óptica no Brasil. Seu interesse pelas possibilidades criativas das máquinas evoca a relação entre arte e tecnologia. O artista formou-se em engenharia, o que contribuiu para que desenvolvesse investigações técnicas focadas na experimentação com o movimento e a luz, realizando proposições baseadas no fenômeno visual que tornaram seu trabalho conhecido ao longo de sete décadas de produção. Destacou-se no cenário artístico a partir do final da década de 1940, momento em que cria seu primeiro *Aparelho cinecromático* (1949), peça em que reinventa a prática da pintura por meio do movimento coreografado de lâmpadas de diferentes voltagens em distintas velocidades e direções que criam imagens caleidoscópicas. Exibida na 1ª Bienal de São Paulo (1951), essa instalação de luz recebeu Menção Honrosa do júri internacional por sua originalidade. Integrou também, a partir de meados da década de 1950, o Grupo Frente, vertente carioca do Construtivismo brasileiro, ao lado de artistas como Lygia Pape e Ivan Serpa, e críticos como Ferreira Gullar e Mário Pedrosa.

As séries de progressões e relevos que iniciou posteriormente, feitas em materiais diversos (como madeira, cartão duplex ou acrílico), apresentam efeitos ópticos e cinéticos criados a partir de um meticuloso processo manual. O resultado são composições abstratas marcadas por um padrão rítmico que remete ao movimento de ondas irregulares.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Abraham Palatnik: O sismógrafo da cor*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- *Abraham Palatnik – A reinvenção da pintura*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH), Belo Horizonte (2021); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro (2017); Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre (2015); Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba (2014); Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo (2014); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-DF), Brasília, Brasil (2013)
- *Abraham Palatnik: Em movimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Abraham Palatnik: Progression*, Sicardi Gallery, Houston, EUA (2017)
- *Palatnik, une discipline du chaos*, Galerie Denise René, Paris, França (2012)

exposições coletivas selecionadas

- *Sur moderno: Journeys of Abstraction – The Patricia Phelps de Cisneros Gift*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2019)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Museum of Modern Art in Warsaw, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Delirious: Art at the Limits of Reason, 1950–1980*, Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA (2018)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Royal Museums of Fine Arts of Belgium, Bruxelas, Bélgica
- William Keiser Museum, Krefeld, Alemanha

alberto pitta

n. 1961, Salvador, Brasil

vive e trabalha em Salvador, Brasil

O artista Alberto Pitta tem como elemento central de seu trabalho a estamparia têxtil e a serigrafia, embora também venha se dedicando à pintura e a obras escultóricas nos últimos anos. Com uma carreira de mais de quatro décadas, a produção de Pitta é muito ligada a festividades populares e em diálogo outras linguagens, como a indumentária, seu trabalho tem uma forte dimensão pública, tendo sido o autor de estamparias presentes em blocos afro do carnaval como o Olodum, Filhos de Gandhi e o seu próprio, o Cortejo Afro.

Sua produção de estamparias teve início na década de 1980. As mesmas apresentam signos, formas e traçados que evocam elementos tradicionais africanos e afro-diaspóricos, em especial os oriundos da mitologia Iorubá, muito presente em Salvador e no recôncavo baiano. Nas palavras do curador Renato Menezes: “De fato, signos, formas e traços que evocam grafismos tradicionais africanos encontraram, sobre seus tecidos, um lugar privilegiado de educação das massas e de contação de histórias que só fazem sentido coletivamente. Se a escrita, na obra de Pitta, se organiza no conjunto de padrões e cores que reinterpretem a cosmovisão Yorubá, a leitura, por outro lado, diz respeito à relação estabelecida no contato entre corpos em movimento, quando as ruas da cidade viram terreiro. Pelas dobras dos tecidos que cobrem os foliões percorre um alfabeto de letras e afetos, mobilizados pela música e pela dança: é no corpo do outro que se lê o texto que nos completa”.

exposições individuais selecionadas

- *Àkùko, Eiyéle e Ekodidé – Uma revoada de Alberto Pitta*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2025)
- *Alafiou*, Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil (2025)
- *Outros Carnavais*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Mariwó*, Paulo Darzé Galeria, Salvador, Brasil (2023)
- *Eternidade Soterrada*, Carmo & Johnson Projects, São Paulo, Brasil (2022)
- *Homens de Ferro*, Galeria Solar do Ferrão, Salvador, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- 36ª Bienal de São Paulo, Brasil – *Nem todo viandante anda estradas – Da Humanidade como prática* (2025)
- *Joie Collective – Apprendre a flamboyer*, Palais de Tokyo, Paris, França (2025)
- *Artistas do Vestir: Uma Costura dos Afetos*, Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2024)
- *Stirring the Pot*, Casa da Cultura da Comporta, Comporta, Portugal (2024)
- 24ª Bienal de Sidney, Sidney, Austrália (2024)
- *O Quilombismo*, Haus der Kulturen der Welt, Berlim, Alemanha (2023)
- *Political Philosophies*, Haus der Kulturen der Welt, Berlim, Germany (2023)
- *Encruzilhada*, Museu de Arte Moderna de Salvador, Salvador, Brasil (2022)
- *Um Defeito de Cor*, Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil (2022)

coleções selecionadas

- Perez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA
- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museu de Arte Moderna de Salvador, Salvador, Brasil
- Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil

antonio dias

n. 1944, Campina Grande, Brasil

m. 2018, Rio de Janeiro, Brasil

Antonio Dias iniciou sua carreira na década de 1960, produzindo obras marcadas pelo conteúdo de crítica política na forma de pinturas, desenhos e assemblages típicas do Neofigurativismo e da Pop Art brasileiros, o que lhe rendeu o rótulo de representante da Nova Figuração brasileira. No entanto, sua prática dialoga também com o legado do movimento concretista e com impulso revolucionário da Tropicália. A partir de 1966, ao se autoexilar em Paris, após críticas sutis à ditadura militar brasileira, o artista entrou em contato com nomes do movimento de vanguarda italiano ‘Arte Povera’, entre eles Luciano Fabro e Giulio Paolini. Nesse contexto europeu, voltou-se cada vez mais para a abstração, transformando seu estilo.

Em seguida, Dias partiu para a Itália e adotou uma abordagem conceitual, criando pinturas, vídeos, filmes, registros e livros de artista, utilizando cada uma dessas mídias para questionar o sentido da arte. Ao abordar o erotismo, o sexo e a opressão política de forma lúdica e subversiva, construiu uma obra ímpar e conceitual, dotada de sofisticação formal e permeada por questões políticas e críticas contundentes ao sistema da arte. Na década de 1980, voltou novamente sua atenção à pintura, realizando experimentos com pigmentos metálicos e minerais – como ouro, cobre, óxido de ferro e grafite – misturados a aglutinantes diversos. A maioria de suas obras desse período apresenta brilho metálico e contém grande variedade de símbolos – ossos, cruzeiros, retângulos, falos –, que remetem às suas primeiras produções.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Search for an Open Enigma*, Sharjah Art Foundation, Sharjah, EAU (2024)
- *Antonio Dias: Derrotas e vitórias*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2021)
- *Antonio Dias: Ta Tze Bao*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Antonio Dias: O ilusionista*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Una collezione*, Fondazione Marconi, Milão, Itália (2017)
- *Antonio Dias – Potência da pintura*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- *This Must Be the Place: Latin American Artists in New York, 1965–1975*, Americas Society, Nova York, EUA (2021)
- *Pop América, 1965–1975*, Mary & Leigh Block Museum at Northwestern University, Evanston (2019); Nasher Museum of Art at Duke University, Durham (2019); McNay Art Museum, San Antonio (2018), EUA
- *Invenção de origem*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2018)
- 34ª e 33ª Bienal de São Paulo, Brasil (2018)
- *Mario Pedrosa – On the Affective Nature of Form*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha (2017)

coleções selecionadas

- Daros Latinamerica Collection, Zurique, Suíça
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

emanoel aráujo

n. 1940, Santo Amaro da Purificação, Brasil

m. 2022, São Paulo, Brasil

Vindo de uma família de ourives, Emanoel Araújo aprendeu na oficina de Eufrásio Vargas a trabalhar com madeira e, conseqüentemente, desenvolver os seus primeiros trabalhos. Na década de 1970, passa a realizar obras abstratas, compostas por formas geométricas conjugadas. O artista gradualmente passou a aproximar-se das vertentes construtivas, reduzindo as figuras a estruturas primárias. Desenvolveu trabalhos que contêm segmentos ondulados de outras gravuras, colados sobre o plano de uma gravura maior, resultando em cortes, interferências e justaposições – assim, essa produção já apontava seu interesse pelo tridimensional. Interessado na reestruturação do universo da arte e da cultura afro-brasileira, enfatizava em suas gravuras, relevos e esculturas as formas e volumes geométricos aliados a contrastes acirrados, ângulos marcados e cores fortes.

Como escultor, Araújo atentava à seleção dos materiais, incorporando elementos das culturas ameríndias, africanas e afro-brasileiras a suas obras. Suas esculturas frequentemente aludem a navios, a máscaras e a representações simbólicas da cosmogonia das religiões de matriz africana e afro-brasileira.

Além de sua atuação artística, Araújo atuou de modo relevante como curador e gestor cultural. Organizou exposições no Brasil e no exterior, exibindo obras de artistas africanos e afro-brasileiros, além de ter dirigido o Museu de Arte da Bahia, a Pinacoteca de São Paulo e ter fundado o Museu Afro Brasil. A dedicação de Araújo em promover a arte e a cultura afro-brasileira teve impacto significativo no reconhecimento e na valorização da herança africana nas cenas artísticas brasileira e internacional.

exposições individuais selecionadas

- *Emanoel Araújo - Embates Construtivos*, Farol Santander, São Paulo, Brasil (2025)
- *Emanoel Araújo*, Jack Shainman, Nova York, EUA (2023)
- *Cosmogonia dos Símbolos*, Simões de Assis, São Paulo, Brasil (2021)
- *A Ancestralidade dos Símbolos: África-Brasil*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2018)

exposições coletivas selecionadas

- *Ancestral: As afro-américas*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), São Paulo, Brasil (2025)
- *One becomes many*, Perez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA (2024)
- 35ª Bienal de São Paulo (2023)
- *Dos Brasis – Arte e Pensamento Negro*, SESC Belenzinho, São Paulo, Brasil (2023)
- *Histórias brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2022)

coleções selecionadas

- Los Angeles County Museum of Art (LACMA), Los Angeles, EUA
- The Art Institute of Chicago (AIC), Chicago, EUA
- Boston Museum of Fine Arts, Boston, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

francisco brennand

n. 1927, Recife, Brasil

m. 2019, Recife, Brasil

Um dos mais importantes escultores do Brasil, teve sua trajetória iniciada ainda na década de 1940, a partir da convivência com nomes como Abelardo da Hora, Álvaro Amorim, Murillo La Greca e Cícero Dias. No fim dos anos 1940, pinta principalmente naturezas-mortas, realizadas com grande simplificação formal. Em seus quadros, pinta flores e frutos que parecem flutuar no espaço pictórico, realizados com linhas simplificadas e cores puras.

A partir de 1949, por conta de uma viagem para a França, na qual toma contato com a produção em cerâmica de artistas como Picasso, começa a fazer da cerâmica o seu principal meio de expressão. O artista trabalha a cerâmica não só com a forma, mas também com a cor. Obtém uma grande quantidade de tonalidades por meio das variações de temperatura que atuam sobre os pigmentos durante a queima das peças.

Suas esculturas apresentam o caráter de tótems ou se relacionam a signos da tradição popular. Em muitas obras, apresenta criaturas aterradoras, monstros, seres deformados ou que revelam um caráter trágico. Algumas esculturas estão ligadas a rituais de fertilidade de culturas arcaicas, apresentando um caráter fortemente sexual. Produz figuras que frequentemente têm um aspecto trágico, cuja estranheza é acentuada pelo acabamento rude. Além do consagrado trabalho com a escultura em cerâmica, o artista também explora outras expressões artísticas como a escultura em ferro e bronze, a gravura, a colagem, o desenho e a literatura.

exposições individuais selecionadas

- *Francisco Brennand: um primitivo entre os modernos*, Carpintaria, Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *Francisco Brennand: Mestre dos Sonhos*, Caixa Cultural Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Francisco Brennand: senhor da várzea, da argila e do fogo*, Santander Cultural, Porto Alegre, Brasil (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Tecendo a manhã: vida moderna e experiência noturna na arte do Brasil*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2025)
- *Movimento Armorial 50 anos*, Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, Brasil (2022)
- *Modernismo expandido*, Museu Nacional da República, Brasília, Brasil (2022)
- *Memories of Underdevelopment: Art and the Decolonial Turn in Latin America, 1960-1985*, Museum of Contemporary Art San Diego (MCASD), San Diego, EUA (2017)

coleções selecionadas

- Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

gilvan samico

n. 1928, Recife, Brasil

m. 2013, Olinda, Brasil

Dono de um estilo inconfundível, Gilvan Samico conseguiu como poucos implementar um projeto artístico que unia a arte considerada erudita à cultura popular. Seu trabalho como gravador, pintor e desenhista influenciou várias gerações e incorporou um profundo conhecimento das tradições brasileiras, especialmente do Nordeste.

Durante sua formação, estudou xilogravura com Lívio Abramo, na Escola de Artesanato do Museu de Arte Moderna de São Paulo, e gravura com Oswaldo Goeldi, na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Samico foi, ao lado de Abelardo da Hora e de outros artistas, um dos fundadores do Ateliê Coletivo da Sociedade Moderna do Recife, na década de 1950. Com uma produção que dialoga com símbolos da cultura nordestina, entre eles a literatura de cordel, se aproximou do Movimento Armorial, idealizado por Ariano Suassuna, que era um admirador de seu trabalho. Para o estudioso Fábio Fonseca, a gravura de Samico compreende um processo no qual popular e erudito se misturam. O popular contribui como fonte temática e formal, mas sua gravura é erudita”.

Personagens míticos, religiosos, fantásticos permeavam seu imaginário, misturados a elementos observados no cotidiano, como animais, elementos da natureza e personagens humanos, do povo. Em seu ateliê localizado em Olinda, Gilvan Samico estabeleceu um universo particular, com um tempo de produção próprio. Por ano, normalmente desenvolvia apenas uma xilogravura, o que não significa que seu processo criativo fosse estagnado – estava constantemente fabulando e trabalhando em estudos e desenhos para suas obras.

exposições individuais selecionadas

- *Samico*, Galeria Marco Zero, Recife, Brasil (2021)
- *Samico entre mundos - Rumores de Guerra em Tempo de Paz*, Dream Box Art, Nova York, EUA (2017)
- *Linhas, trançados e Cores no Reino de Gilvan Samico*, Caixa Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil (2014)
- *Samico: Xilogravuras*, Galeria Estação, São Paulo, Brasil (2012)

exposições coletivas selecionadas

- *Tecendo a manhã: vida moderna e experiência noturna na arte do Brasil*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2025)
- *Movimento Armorial- 50 Anos*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *Realce*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2020)
- *Gravura e crítica social*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2019)
- 32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva (2016)

coleções selecionadas

- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), São Paulo, Brasil

guita charifker

n. 1936, Recife, Brasil

m. 2017, Recife, Brasil

A partir do fim da década de 1960, Guita Charifker produziu desenhos de inspiração surrealista, associando formas humanas a animais e vegetais, realizados com precisão de detalhes, em obras de forte erotismo.

Trabalha de forma quase monocromática, com traços tênues e manchas a bico-de-pena e aguada, revelando um universo onírico de formas simbólicas.

Passando por técnicas como a gravura em metal, encontrou seu principal meio de expressão na aquarela. Realizou naturezas-mortas com plantas e frutos regionais, explorando padrões decorativos obtidos a partir de folhagens e ramos de árvores, ou de objetos presentes na cena, como tapetes ou tecidos.

Nas aquarelas são frequentes também as paisagens, inspiradas muitas vezes na exuberante vegetação do quintal de sua residência em Olinda ou nas localidades do litoral pernambucano. São constantes as cenas com naturezas-mortas, em que a paisagem está presente, vista através de uma janela ou em uma pintura na parede. A grama cromática por ela empregada é surpreendente e luminosa.

exposições individuais selecionadas

• *Viva a Vida*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2003)

exposições coletivas selecionadas

• *Aquarela Brasileira*, Centro Cultural Light, Rio de Janeiro, Brasil (2001)

jonathas de andrade

n. 1982, Maceió, Brasil

vive e trabalha em Recife, Brasil

A fotografia, o vídeo e a instalação possuem papel central na produção do artista alagoano Jonathas de Andrade. Sua pesquisa muitas vezes envolve o diálogo com comunidades que participam da construção dos trabalhos, ampliando o alcance de vozes constantemente marginalizadas. Partindo do compromisso de costurar ficção e o documental, e em um constante exercício de reescrita da história, Jonathas busca nessa reinvenção a construção de alegorias e narrativas poéticas, que por sua vez funcionam como ferramentas potentes de questionamento das construções de gênero, classe e raça enraizadas na estrutura sociocultural brasileira.

“Penso que a existência artística, que não é privilégio dos artistas de profissão nem garantia a todos eles o tempo todo, tem a ver com um estado de atenção e emergência (...), além de uma disposição estética para a vida. Neste sentido, aquilo que trata a arte como campo isolado acaba interessando pouco. (...) Sinto força na arte pela capacidade de gerar energia em absoluta contradição e desordem dentro de um sistema; pela habilidade de tomar os xeques mates como impulso para o movimento e a transformação e não como emboscadas sem volta”.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Capela della liberazione, Conciliazione 5*, Roma, Itália (2025)
- *Jonathas de Andrade: Permanência Relâmpago*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2025)
- *Le Syndicat des Olympiades*, La Galerie, Noisy-le-Sec, França (2024)
- *Olho-Faísca*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2023)
- *Com o coração saindo pela boca*, 2022, Pavilhão Brasil, 59ª Bienal de Veneza
- *Eye-Spark*, CRAC Alsace, Altkirch, França (2022)

- *O rebote do bote*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022)
- *Staging Resistance*, Fotografiemuseum Amsterdam (Foam), Amsterdã, Holanda (2022) J
- *Jonathas de Andrade: One to One*, Museum of Contemporary Art Chicago (MCA), Chicago, EUA (2019) *Visões do Nordeste*, Museo Jumex, Cidade do México, México (2017)
- *O peixe*, New Museum, Nova York, EUA (2017)
- *Convocatória para um mobiliário nacional*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2016)
- *Museu do Homem do Nordeste*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- *O Mundo é o Teatro do Homem*, Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil (2022)
- *Casa carioca*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2020)
- *À Nordeste*, Sesc 24 de Maio, São Paulo, Brasil (2019)
- 16ª e 12ª Bienal de Istambul, Istambul, Turquia (2019 e 2011)
- 13ª e 10ª Bienal de Sharjah, Emirados Árabes (2017 e 2011)
- 32ª e 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2016 e 2010)
- *The Ungovernables*, New Museum Triennial, Nova York, EUA (2012)
- 32º Panorama da Arte Brasileira, São Paulo, Brasil (2011)
- *Under the Same Sun: Art from Latin America Today*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2014)
- 12ª Bienal de Lyon, França (2013)
- New Museum Triennial, Nova York, EUA (2012)
- *Os primeiros dez anos*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museo del Barrio, Nova York, EUA
- Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Modern Art (MOMA), Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

josé barbosa

n. 1948, Olinda, Brasil

vive e trabalha em Olinda, Brasil

Filho de marceneiro e restaurador, começou a entalhar arcas para antiquário na marcenaria de seu pai. Em 1963, com o incentivo do pintor Adão Pinheiro, iniciou carreira artística. Nessa mesma época, passou a integrar e organizar o Movimento de Arte Ribeira, que contou com a participação de João Câmara, Vicente do Rego Monteiro e Guita Charifker.

De acordo com Montez Magno: “em suas variadas e múltiplas técnicas de elaboração, duas coisas logo sobressaem: quer trabalho em pintura, desenho, gravura, quer talha ou escultura, a unidade temática é flagrante, a ‘atmosfera’ magicamente carregada é quase uma constante, o que leva a observar que sua obra é de uma integridade total, ou seja, José Barbosa é sempre fiel a sua subjetividade interior, fruto também do mundo objetivo que o marcou vivencialmente – a representatividade desse mundo está ligada teluricamente à paisagem real e mitológica da sua sempre presente Olinda”.

exposições individuais selecionadas

- *Luz própria, Arte 57*, São Paulo, Brasil (2022)
- *A Escuta do Tempo-Javari*, Christal Galeria, Recife, Brasil (2022)
- *Eu vi o Mundo*, Museu de Arte Contemporânea de Campinas, Campinas, Brasil (2020)

exposições coletivas selecionadas

- *Modernismo Expandido*, Museu Nacional da República, Brasília, Brasil (2022)

josé cláudio

b. 1932, ipojuca, brasil

vive e trabalha em recife, brasil

Ao longo de setenta anos de carreira, José Cláudio (Ipojuca, 1932) constituiu um legado para a arte brasileira da segunda metade do século XX. Artista múltiplo, com trabalhos em pintura, desenho, gravura e escultura, José Cláudio também atuou como crítico de arte e escritor. O prolífico trabalho do artista e intelectual teve início no Ateliê Coletivo da Sociedade de Arte Moderna do Recife (SAMR), em 1952, ao lado de Abelardo da Hora (1924–2014), seu fundador, e Gilvan Samico (1928–2013), entre outros. O convívio intenso com os artistas de sua geração, não só no Recife, mas em outras cidades brasileiras, como Mário Cravo Júnior (1923–2018) e Carybé (1911–1997) em Salvador, e Di Cavalcanti (1897–1976) e Lívio Abramo (1903–1992) em São Paulo, assim como a bolsa de estudos em Roma concedida pela Fundação Rotelini, fizeram da década de 1950, um período intenso de aprendizado, trocas e experimentação para o artista.

“José Cláudio é figurativista desde sempre, e pratica uma arte em que a emoção primeira sequer permite ou admite emendas e correções”, afirmou o crítico e historiador da arte José Roberto Teixeira Leite, que continua: “Expressionista, fazendo uso de um desenho rigoroso, de uma pincelada larga e espontânea de um colorido profundo, do ponto de vista da temática José Cláudio debruçou-se sobre cenas e tipos regionais, sobre os costumes regionais e sobre a paisagem, as aves e as frutas do seu Nordeste, despojando-as, porém, de qualquer conteúdo pitoresco, para apenas se concentrar em sua expressão pictórica.”

José Cláudio integrou o movimento Poema/processo (1967–1972), com sua icônica série *Carimbos*, imagens feitas a partir da composição modular das imagens escavadas em borrachas. Em 1975, José Cláudio participou de viagem à Amazônia organizada pelo Museu de Zoologia da USP, realizando uma centena de trabalhos reunidos no livro “100 telas, 60 dias e um diário de viagem”. Em 1980, o artista se debruça sobre o quadro *O Repouso do Modelo*, de Almeida Júnior (1850–1899), criando uma série de pinturas que reinterpreta o tema.

exposições individuais selecionadas

- *José Cláudio: uma trajetória*, Nara Roesler São Paulo, Brazil (2022)
- *Carimbos*, Museu de Arte Moderna Aluísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil (2017)
- *100 telas, 60 dias e um diário de Viagem, Amazonas 1975*, Museu Afro Brasil, São Paulo, Brasil (2009)
- Museu do Estado de Pernambuco (MEPE), Recife, Brasil (2009)

exposições coletivas selecionadas

- *Experimentando Pernambuco Experimental*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2014)
- *Almeida Júnior: Um artista revisitado*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2000)
- *A mão afro-brasileira*, Museu de Arte Moderna (MAM-SP), São Paulo, Brasil (1988)
- 4ª, 5ª, 6ª, 7ª, 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (1957, 1959, 1961, 1963 e 1985)
- 1º, 3º, 14º e 23º Panorama de Arte Brasileira, Museu de Arte Moderna (MAM-SP), São Paulo, Brasil (1969, 1971, 1983 e 1993)

coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), São Paulo, Brasil
- Palácio do Governo do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

josé patrício

n. 1960, em Recife, Brasil, onde vive e trabalha

O trabalho de José Patrício se realiza na fronteira entre instalação e pintura, misturando esses gêneros. Sua prática parte do arranjo de objetos cotidianos, tais como dominós, dados e botões, a fim de criar padrões e imagens que podem ter caráter geométrico ou orgânico, ainda que não deixem de resguardar uma familiaridade enigmática com o cotidiano, tendo em vista a possibilidade de se reconhecer aqueles elementos nas composições. Patrício despontou no mundo da arte em 1999, quando criou uma instalação para o convento de São Francisco, em João Pessoa. Na ocasião, o artista utilizou dominós como elemento-chave para muitos dos seus trabalhos. Quando vistos de longe, os padrões observados ganham uma qualidade pictórica (dada sua configuração geral) que contrasta com a natureza gráfica individual de cada peça.

Sob a influência de importantes tendências e movimentos artísticos brasileiros, como a abstração geométrica e o concretismo, Patrício enfatiza o limite sutil entre a ordem e o caos e sugere que mesmo a mais rígida das fórmulas matemáticas possui uma potencial dimensão expressiva. Para o crítico e curador Paulo Sérgio Duarte, o procedimento de acumulação de Patrício nos leva a um “patamar diferente das questões colocadas pelo progresso da ciência e da técnica para a obra de arte. [...] Incorporado, como ponto de partida, o terreno da combinatória matemática, nos encontramos com a combinação das séries, reitero, infinitas nas suas possibilidades. O problema não é mais a reprodução do mesmo; trata-se, agora, de, a partir do mesmo, produzir infinitos outros.”

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *José Patrício: Agitações pelo Número*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Infinitos Outros*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Potência criadora infinita*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *José Patrício: Algorithm in 'Object Recognition'*, Pearl Lam Galleries Hong Kong H'Queens, Hong Kong (2018)
- *Precisão e acaso*, Museu Mineiro, Belo Horizonte; Museu Nacional de Brasília (MUN), Brasília, Brasil (2018)
- *Ponto zero*, Sesc Santo Amaro, São Paulo, Brasil (2017)
- *Explosão fixa*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Utopias e distopias*, Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil (2022)
- *Ateliê de gravura: Da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Géométries américaines, du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l'art contemporain, Paris, França (2018)
- *Spots, Dots, Pips, Tiles: An Exhibition About Dominoes*. Perez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA (2017)
- *Asas e raízes*, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003)
- 22ª Bienal de São Paulo, Brasil (1994)

coleções selecionadas

- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Fondation Cartier pour L'art contemporain, Paris, França
- Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil
- Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

marcelo silveira

n. 1962, Gravatá, Brasil

vive e trabalha em Recife, Brasil

A prática de Marcelo Silveira parece questionar categorias pré-estabelecidas, ao desafiar e tensionar definições aparentemente consolidadas de escultura, instalação e colecionismo. Sua produção move-se a partir do interesse pela materialidade. Tudo pode ser objeto de trabalho: madeira, couro, papel, metal, plástico e vidro são apenas alguns dos elementos explorados. Contudo, também é fundamental a configuração por eles assumida, que pode ser criada a partir do repertório formal comum àqueles objetos – garrafas e copos de vidro, por exemplo – ou pela recriação de formas familiares e comuns em matérias inesperadas – como Silveira faz com a madeira, por exemplo.

O colecionismo, de fato, constitui estratégia privilegiada do artista, ao lado do constante jogo entre apropriação e produção. Essas operações aparecem em seu trabalho de diversos modos, seja pelo acúmulo de artefatos encontrados no mundo – como cartões postais, réguas de desenho, vidros de perfume etc. –, em objetos que remetem a utensílios domésticos, mas desprovidos de qualquer utilidade, ou até pela apresentação dos trabalhos sob a forma de conjuntos, em que cada fragmento se integra àquela totalidade, resignificando-a. Nesse sentido, a organização é fundamental na prática de Silveira, não só como estratégia expositiva, mas também para conferir novo sentido a esses objetos, que possuem a potência de despertar memórias afetivas.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Hotel solidão*, Nara Roesler, Nova York, Brasil (2022)
- *Compacto com pacto*, Sesc Triunfo, Triunfo, Brasil (2019)
- *Com texto*, obras por Marcelo Silveira, Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba (MACS), Sorocaba, Brasil (2018)
- *Censor*, Museu da Imagem e do Som (MIS), São Paulo, Brasil (2016)
- *1 Dedo de Prosa*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Língua solta*, Museu da Língua Portuguesa, São Paulo, Brasil (2021)
- 35º Panorama da Arte Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2015)
- *Travessias*, Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil (2013)
- 29ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2010)
- 4ª Bienal de Valência, Espanha (2007)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

paulo bruscky

n. 1949, Recife, Brasil

Paulo Bruscky é um dos expoentes da arte conceitual no Brasil e um dos principais precursores de diversas manifestações que envolvem arte, tecnologia e comunicação. Sua prática artística, baseada na ideia de arte como informação, é marcada pelo experimentalismo constante, resultando em um corpo de obras plural, composto por poesias visuais, livros de artista, performances, intervenções urbanas, filmes em Super-8 e trabalhos em novas mídias. A produção de Bruscky é também caracterizada pelo conteúdo de contestação social e política, resultado da sua postura crítica e militante, em parte concebida em contestação à ascensão de governos militares e o consequente estabelecimento de severos regimes ditatoriais em diversos países latino-americanos, incluindo o Brasil, durante um período que coincidiu com o início de sua trajetória.

Bruscky iniciou sua pesquisa no campo da arte conceitual nos anos 1960, participando, no final da década, do movimento poema/processo, por meio do qual estabeleceu contato com Robert Rauschenberg, membro do grupo Fluxus. Introduzido por Rauschenberg ao circuito internacional da Arte Postal, Bruscky ingressou no movimento em 1973, tornando-se um dos principais pioneiros dessa manifestação artística no Brasil. A partir de então, desenvolveu intenso diálogo com diversos artistas, principalmente os membros dos grupos Fluxus e Gutai, além de vários nomes da América Latina e do Leste Europeu – regiões com as quais o artista procurou privilegiar o contato, devido ao intenso processo de repressão política que os caracterizava na época. Grande parte de sua produção questiona as próprias funções da arte e as operações de seu sistema.

[clique para ver cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Banco de Ideias*. Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Paulo Bruscky. Eteceterate*, Fundación Luis Seoane, A Coruña, Espanha (2018)
- *Xeroperformance*, Americas Society / Council of the Americas (AS/COA), Nova York, EUA (2017)
- *Paulo Bruscky: Artist Books and Films, 1970–2013*, The Mistake Room, Los Angeles; Another Space, Nova York, EUA (2015)
- *Paulo Bruscky*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2014)
- *Paulo Bruscky: Art is our Last Hope*, Bronx Museum, Nova York, EUA (2013)
- *Ars brevis*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *Histórias brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Ismo, Ismo, Ismo. Cine experimental en América Latina*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha (2019)
- *AI-5 50 anos – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *L'oeil écoute*, Centre Georges Pompidou, Paris, França (2018)
- *Memorias del subdesarrollo: el arte y el giro descolonial en América Latina, 1960–1985*, Museo de Arte de Lima (MALI), Lima, Peru; Museo Jumex, Cidade do México, México (2018)
- 57ª Bienal de Veneza, Veneza, Itália (2017)
- *Histórias da sexualidade*, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Brasil (2015)
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Stedelijk Museum, Amsterdam, Holanda
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

thiago barbalho

n. 1984, Natal, Brasil vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Escritor e artista visual, Thiago Barbalho encontrou no desenho um modo de expressão que suplantou uma crise com a palavra. Trabalhando em diferentes dimensões e com diversos materiais (lápis de cor, grafite, spray, óleo, pastel oleoso e marcador sobre papel), suas composições trazem ao olhos do público universos intrincados, em que formas e cores se entrelaçam e embaralham em narrativas que parecem radicalizar e dotar de um ar contemporâneo e lisérgico o universo fantástico de Hieronymus Bosch.

Segundo a crítica e curadora Kiki Mazzuccheli: “Ao trabalhar essencialmente com desenho, Barbalho produz composições extremamente intrincadas, porém não planejadas, nas quais uma multiplicidade de imagens, símbolos e campos de cor se fundem umas nas outras para criar superfícies vibrantes ininterruptas”. O aparente caos de suas imagens surgem do vagar do gesto que traceja, recusando a submeter-se às lógicas formais ditadas pela racionalidade. De fato, deparamo-nos em seu trabalho com fragmentos diversos, uma profusão de referências de diferentes esferas, da cultura pop à tradição da história da arte, desierarquizando categorias e a própria relação entre figura e fundo.

Com formação em Filosofia, Barbalho se ampara em conceitos da disciplina para guiar sua prática. Nesse sentido, ele entende o desenho como uma tecnologia ancestral, que atravessa eras e culturas, sendo uma invenção da espécie humana, qualificando-a. Sua pesquisa visual vê no desenho o rastro de uma presença e da relação entre a mente – a imaginação –, e o corpo – o gesto –, entre a consciência e a realidade.’

[clique para ver cv completo](#)

exposições coletivas selecionadas

- *Phantom Dance: Thiago Barbalho and Theodore Ereira Guyer*, Elizabeth XI Bauer, Londres, Reino Unido (2023)
- *Mapa da estrada*: Novas obras no acervo da Pinacoteca de São Paulo, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022)
- *Electric Dreams*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *AVAF*, Casa Triângulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Rocamboles*, Pivô, São Paulo, Brasil (2018)
- *Rocamboles*, Kunsthalle Lissabon, Lisbon, Portugal (2019)
- *Hecatombe*, Galeria Sancovsky, São Paulo, SP, Brasil (2019)
- *Voyage*, Galeira Bergamin & Gomide, São Paulo, Brasil (2017)
- *Shadows & Monsters*, Gasworks, London, Reino Unido (2017)
- *Casa Plana*, São Paulo, SP, Brasil (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Phantom Dance: Thiago Barbalho and Theodore Ereira Guyer*, Elizabeth XI Bauer, Londres, Reino Unido (2023)
- *Mapa da estrada*: Novas obras no acervo da Pinacoteca de São Paulo, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022)
- *Electric Dreams*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *AVAF*, Casa Triângulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Rocamboles*, Pivô, São Paulo, Brasil (2018)
- *Rocamboles*, Kunsthalle Lissabon, Lisbon, Portugal (2019)
- *Hecatombe*, Galeria Sancovsky, São Paulo, SP, Brasil (2019)
- *Voyage*, Galeira Bergamin & Gomide, São Paulo, Brasil (2017)
- *Shadows & Monsters*, Gasworks, London, Reino Unido (2017)
- *Casa Plana*, São Paulo, SP, Brasil (2016)

coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Instituto Paz, Brumadinho, Brasil

sérvulo esmeraldo

n. 1929, Crato, Brasil

m. 2017, Fortaleza, Brasil

Ao iniciar sua carreira, Sérvulo Esmeraldo trabalhava como gravador, entalhando especialmente em madeira. Após sua primeira exposição, em 1951, transferiu-se para São Paulo, onde se aprofundou no estudo da xilogravura. A observação da estrutura de uma folha seca que identificou como um logaritmo, o despertou para a beleza da matemática, e, conseqüentemente, para a geometria, que passou a explorar a partir de 1953. Desta maneira, sua poética passa a se voltar cada vez mais para a arte construtiva e abstrata, o que fica materializado em um conjunto de xilogravuras construtivo-geométricas.

Iniciada sua trajetória, muda-se para Paris em 1957, onde toma contato com grandes nomes da arte cinética, aprofundando sua pesquisa nessa linguagem. Ainda que continuasse realizando trabalhos em diferentes técnicas de gravura, como a litogravura e a gravura em metal, desenvolveu nesse período algumas de suas mais importantes obras, como os Excitables, trabalhos movidos pela eletricidade estática que cativaram o público e a crítica. Identificado com as novas tecnologias e os novos materiais, trabalhou com o acrílico em esculturas e objetos, e foi um dos artistas pioneiros na produção de múltiplos.

Além de suas criações cinéticas, Esmeraldo também se dedicou a esculturas em plexiglass, explorando a topologia do volume, e deixou um considerável legado gravado, com obras editadas e distribuídas por importantes editores europeus.

exposições individuais selecionadas

- *O arquivo vivo de Sérvulo Esmeraldo*, Instituto de Arte Contemporânea (IAC), São Paulo, Brasil (2014)
- *Simples como um Triângulo*, Galeria Raquel Arnaud, São Paulo, Brasil (2012)
- *Sérvulo Esmeraldo*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *Centelhas em Movimento*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2022)

coleções selecionadas

- Kunstmuseum Basel, Basel, Suíça
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Peggy Guggenheim Collection, Veneza, Itália
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

nara roesler

50

são paulo

avenida europa, 655
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor, 241
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art